

As mensagens do PMDB

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — Se não conseguiu votos nem para Ulysses Guimarães, como é que o PMDB poderia exigir votos para o petista Luiz Inácio Lula da Silva? Essa dura realidade produziu a nota em que a Comissão



Executiva Nacional condena duramente a candidatura Collor de Mello, mas não mais que recomendando o voto em Lula. A nota não é endereçada à opinião pública. Foi disparada para animar a militância progressista do partido e acuar ainda mais o grupo moderado.

A Executiva chegou a se debater entre exigir ou apenas recomendar o voto em Lula. "Exigir" seria antecipar o confronto definitivo com os moderados. "Recomendar" é esperar pela depuração natural, em função dos próprios resultados do segundo turno. O presidente do PMDB, Jarbas Vasconcellos, está convencido de que, ganhe Lula ou ganhe Collor, os moderados não terão mais espaço no PMDB.

Sua explicação: se Lula ganhar, os conservadores não vão admitir em hipótese alguma a convivência num partido que apóie ostensivamente o futuro governo. Se o eleito for Collor, Jarbas imagina que os moderados não vão admitir ficar na oposição "e vão correr para outras siglas, como o PRN". A análise do presidente peemedebista parte do pressuposto de que os moderados estarão sempre em minoria, mas ele não pode esquecer que a Comissão Executiva Nacional não é representativa da heterogeneidade partidária. Nem todos os governadores, por exemplo, simpatizam com o apoio a Lula.

Num encontro com o líder do PT, Plínio de Arruda Sampaio, no sábado, no apartamento do deputado Maurílio Ferreira Lima — que apóia Lula desde o primeiro turno —, Jarbas ensinou como deveria ser a abordagem do PMDB: "Os moderados não apoiaram nem o Dr.

Ulysses e muito menos nós vamos lhes pedir apoio", ditou para Plínio. Essa fórmula agrada à cúpula peemedebista e, ao mesmo tempo, pode vencer a barreira de intransigência dos parceiros do PT na Frente Brasil Popular.

Dois dias depois, o mesmo Jarbas advertiu Ulysses de que não presidiria qualquer reunião do diretório, nem uma convenção nacional, "para não sofrer o constrangimento de dar a palavra ao Robertão". O ministro do Desenvolvimento Industrial, Roberto Cardoso Alves, é um símbolo, ou caricatura, do grupo mais conservador, e Jarbas acrescentou: "Se me filmarem com ele, depois vão até usar contra mim nas eleições de 1990".

Desde que ficou clara a vitória de Lula sobre Leonel Brizola no primeiro turno, Ulysses vinha sendo gradativamente convencido de que a opção pró-Lula é mais adequada "à história e ao futuro" do PMDB, que é o seu mais importante patrimônio político.

Essa boa vontade com Lula foi ameaçada pela reação contrária do governador Orestes Quércia e principalmente por declarações de petistas que rejeitam o apoio de Ulysses. Jarbas engrenou uma segunda: "Dr. Ulysses, se eles não nos quiserem no palanque deles, não tem problema. Nós faremos nosso próprio palanque pró-Lula, porque está aí na linha progressista, a sobrevivência do PMDB".

Jarbas, aliás, desembarca em Recife para anunciar amanhã, em entrevista coletiva, que apóia Lula. Ao outro líder lulista do PMDB no estado, o governador Miguel Arraes, ele já manda avisar: "Cada torpedo de lá, eu vou devolver com dois de cá". A intenção do presidente do partido é chegar a 1990 com 100 dos atuais 186 deputados federais do PMDB, não para participar de um eventual governo Lula, mas para lhe dar garantia de governabilidade. O PMDB, afinal, continua o maior partido no Congresso. Até pelo menos 3 de outubro do ano que vem.